

## ÁGUAS PASSADAS (NÃO) MOVEM MOINHOS

Juliana Cristina GARCIA

Universidade Federal de Santa Catarina

[juliana.ops@gmail.com](mailto:juliana.ops@gmail.com)

**Resumo:** Marques Rebelo, em *Espelho Partido*, dizia que a memória de todo homem é um espelho de mulheres mortas. Numa espécie de epígrafe de nossa proposta, essa leitura procurará mostrar o recurso da memória em dois romances contemporâneos que trazem em sua estrutura narrativa o movimento do texto memorialístico: *Leite derramado*, de Chico Buarque e *Heranças*, de Silviano Santiago. Contadas em primeira pessoa e sob perspectiva da memória do narrador na velhice (espécies de casmurros), as tramas são marcadas pelas lembranças ora de uma, ora de várias mulheres. Eulálio, narrador de *Leite Derramado* conta suas lembranças acerca de Matilde e de sua filha, enquanto Walter, de *Heranças* vive envolto às memórias das mulheres que pass(e)aram por sua vida, e preso ao fantasma de sua irmã. As narrativas fracassariam se as memórias dependessem apenas deste “eu” que rememora. Com essas leituras queremos mostrar certa tendência da literatura brasileira de narrar a vida pela sucessão de perdas e danos, como se não houvesse mais espaço para a vida heroica, tão importante nas escritas de si. O modo como estas narrativas são contadas nos levam às teorias do narrador e conceito de experiência de Benjamin e à memória do velho, de Ecléa Bosi.

Palavras-chave: Memória; Heranças; Mulher.

Águas cristalinas alimentam o moinho, passando por pequenos rodízios de madeira, que fazem girar a grande roda, moendo os grãos ou produzindo energia elétrica. A água que por ali passou, certamente, não volta mais. Processo semelhante a esse é o da vida humana. Os dias passam e de forma alguma voltarão novamente.

Por esse motivo — para poder “voltar ao passado” — usamos a memória como recurso para recuperar pela linguagem e por imagens um tempo que não retorna. Num fechar de olhos, revivemos diversos momentos que ficaram para trás. Na literatura, encontramos narrativas e poéticas que se utilizam dessa estratégia, com narradores que escrevem/contam histórias de vida. É o caso de *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, obra autobiográfica, e ficções como *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Lima Barreto, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis — um marco na literatura brasileira —, e muitas outras obras com narradores autodiegéticos<sup>1</sup>.

Nos últimos anos, foram lançados dois livros que seguem essa linha de narradores memorialistas. *Heranças* (2008), de Silviano Santiago e *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque. Com esse ensaio, procuraremos mostrar como é trabalhado o recurso da memória nessas obras, focando na figura de inúmeras mulheres que surgem como desencadeador de lembranças nos dois romances. Queremos apontar uma certa tendência da literatura de narrar a vida pela sucessão de perdas e danos. Para isso, utilizaremos principalmente o conceito de experiência de Walter Benjamin e a pesquisa de Ecléa Bosi sobre as memórias de velhos.

Na obra de Silviano Santiago, temos um narrador “filhinho de papai”, como ele mesmo se considera (SANTIAGO, 2008, p. 31), cheio da grana e sem escrúpulos que, à beira da morte, conta suas memórias de maneira cronológica. Já na narrativa de Chico Buarque, nos deparamos com um narrador no final de uma vida decadente, que custa a distinguir passado, presente e futuro. As reminiscências de Eulálio são jogadas ao leitor com uma mistura de passado e presente, em que o passado, em momentos de delírio, passa a ser o seu presente.

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira refletida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso. (FOUCAULT, 1992, p.142)

---

<sup>1</sup> O narrador autodiegético é aquele que narra a história considerando-se seu protagonista. De acordo com Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (1988, p. 118), essa expressão “designa a entidade responsável por uma situação ou atitude narrativa específica: aquela em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história.”

Podemos relacionar Eulálio, narrador de *Leite Derramado*, com a afirmação feita por Foucault a respeito da verdade contrastiva, pois o personagem tem sua própria verdade sobre os fatos, e conta episódios repetidos de maneira contrastiva. Em alguns momentos, é ciente de que suas memórias estão sendo contadas de maneira fragmentária, em outros, acredita que pode se lembrar de tudo que lhe aconteceu.

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer. [...] como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto. (BUARQUE, 2009, p. 41)

Eulálio não escreve sua história. Ele a dita para quem estiver por perto. Ora fala com sua enfermeira favorita, ora com algum médico. Às vezes, conta suas memórias para sua filha, uma filha que acaba indo embora sem ao menos lhe dar um beijo, deixando-o com uma fala solitária. Eulálio conta suas lembranças até mesmo para a sua mãe, já morta há anos, mas que o visita vez ou outra.

Na obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos*<sup>2</sup> (BOSI, 1983) os narradores são pessoas de idade avançada que também estão a contar suas reminiscências para a pesquisadora socióloga, que os grava. Nesse caso, assim como Eulálio, os narradores não tiveram oportunidade de editar suas memórias, afinal, elas não estavam sendo escritas, e sim, faladas, de maneira espontânea.

Obviamente, não se deve tratar a pesquisa de Bosi como uma obra de ficção, porém, é um interessante material para observar as construções da obra e do narrador de Chico Buarque, e compará-las à obra e ao narrador de Silviano Santiago. Em uma, o narrador espera que suas memórias estejam sendo gravadas e que sejam transcritas, em outra, é o próprio narrador quem as redige.

Ao escrever, é possível que o narrador modifique suas memórias, selecionando o que será registrado e moldando o texto que compõe, de modo a melhor agradar o seu leitor, como no caso de Walter, em *Heranças*, e de outros narradores que escrevem suas memórias, mas alteram os detalhes que forem necessários.

Os narradores de Bosi, ao contrário, tinham certas limitações, inclusive corporais:

---

<sup>2</sup> A obra de Ecléa Bosi expõe as memórias de oito pessoas, entre homens e mulheres, que aceitaram dar depoimentos sobre suas vidas na capital de São Paulo. A obra foi publicada pela primeira vez em 1979, e quando escrita, os entrevistados tinham mais de 70 anos.

[...] eles encontraram também os limites de seu corpo, instrumento de comunicação às vezes deficitário. Quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis. (BOSI, 1983, p. 3)

Walter, em alguns momentos, relata seus limites corporais, como dores nos dedos, “enjôos, náuseas e vômitos pela manhã” (SANTIAGO, 2008, p. 241), mas raramente deixava de escrever um pouco por dia. Selecionava meticulosamente tudo o que seria mantido em seus relatos, deixando claro aos seus futuros leitores que, se necessário, censuraria sua obra, mas que se isso fizesse, avisaria seu público informando que “algumas passagens foram censuradas pelo autor” (SANTIAGO, 2008, p. 110).

No caso de Eulálio, não lhe é permitido escolher o que será ou não publicado. Durante a leitura de *Leite Derramado*, temos a impressão de estar lendo as linhas tortas de seu pensamento. Tem-se, em alguns momentos, a sensação de que a narrativa não tenha saído de seus lábios e sido transcrita por um alguém em papel, mas que esteja se repetindo incessantemente apenas dentro de sua confusa cabeça.

Devido à sua casta aristocrática, Eulálio Montenegro d’Assumpção, fazia questão de salientar que seu sobrenome era grafado com ‘p’ mudo, para distinguir-se de outro Assunção qualquer. É um senhor centenário, internado em um hospital público, que viu sua vida luxuosa mudar lentamente ao decorrer de suas dez décadas. De início, era membro de uma família nobre, na qual seu avô fora um barão do Império e seu pai, Senador da República. A mudança inicia a partir da morte do pai de Eulálio. De sua geração em diante, a família começa a decair, perdendo todas as posses e riquezas que possuía. De um tataravô, graduado senhor de escravos, para um tataraneto, traficante de drogas.

Dentre as memórias de Eulálio, Matilde, sua esposa, é o grande destaque. As lembranças mais intensas são em torno dessa mulher espirituosa e marcante. Ela se evidencia a ponto de podermos considerá-la a protagonista do romance. O narrador conta inúmeras vezes o dia em que a conheceu. Ela estava cantando, junto com as irmãs marianas<sup>3</sup> na missa de sétimo dia de seu pai — que havia sido morto por se envolver com uma mulher casada.

Matilde era uma pessoa repleta de espontaneidade e de vitalidade. Dançava samba e maxixe com desenvoltura, interagiu com os empregados e amamentava a filha em qualquer lugar, sem pudor algum. Entretanto, o narrador não gostava de seus modos e vivia a criticar

---

<sup>3</sup> De acordo com a Igreja Católica, as irmãs Marianas fazem parte da Congregação Mariana, formada por leigos católicos que visam seguir com as leis do Cristianismo inspirando-se na santidade da Virgem Maria, mãe de Deus.

seu comportamento simplório. Ao relatar as qualidades da esposa, Eulálio não escondia sua repugnância e aparentava ser bastante ciumento, dessa forma, repreendia as atitudes de Matilde.

Conhecemos de Matilde apenas o que Eulálio nos conta. De acordo com o psicólogo e filósofo W. Stern (STERN, 1967 *apud* BOSI, 1983), as lembranças têm a finalidade de agradar a quem as está determinando, ou seja, no leito do hospital, Eulálio rememora os momentos que mais lhe aprazem e os conta do modo que consegue. A visão do narrador é a única disponível ao leitor, e este sabe que não pode confiar na memória do enfermo.

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (STERN, 1967 *apud* BOSI, 1983, p. 28)

Inconscientemente, devido ao ciúme, custa a perceber que sua esposa era infeliz e no momento em que a ouve chorar baixinho, julga estar ouvindo sua mulher com outro homem “Mas eis que, do nada, me subiu à cabeça uma quentura violenta, senti minha pele inteira repuxar. Num instante fui tomado pela ideia de que havia um homem com Matilde, eu já ouvia ofegos de homem mesclados aos gemidos dela. Meus olhos como que se encheram de sangue [...]” (BUARQUE, 2009, p. 135)

Eulálio não encontra Matilde com outro homem. Esse episódio é o mais forte de toda a obra de Chico Buarque. Eulálio a encontra derramando seu leite na pia do banheiro, e ela não se deixa ser tocada pelo marido. Todo aquele leite desperdiçado se assemelha à vida de Matilde, que também se esvai.

Instantes depois, a protagonista desaparece, sem deixar nenhum sinal. Como teria sumido afinal? A narrativa nos serve um banquete de versões diferentes, e cabe ao leitor chegar a uma conclusão. É claro que em sua mente perturbada, Eulálio não sabe ao certo o que houve com ela. Conta para sua filha que Matilde havia morrido no parto, e depois, que a esposa havia morrido em um acidente de carro, na antiga Rio-Petrópolis. Conta que ela teria morrido afogada no mar, que havia morrido em um sanatório. Crê, entretanto, que ela teria fugido com outro homem para a França.

Leyla Perrone-Moisés (2009), em seu ensaio “O Leite Derramado de Matilde”, afirma que Matilde foi uma vítima. Segundo a crítica, a protagonista pode ter se fechado por capricho ou até mesmo por ter renunciado a ser quem ela era, devido às incansáveis censuras

de Eulálio. Afirma ainda que dentre as cinco possibilidades de desaparecimento fornecidas pelo narrador, ela deve ter sumido para poupar a saúde de seu marido e sua filha, após ter-se descoberto tuberculosa.

A dramática cena do derramamento do leite pode servir para Eulálio como uma metáfora sobre seus atos. Para ele, não adiantaria mais chorar sobre o leite derramado. Todo mal feito à esposa não poderia ser reparado. Sem hesitação, o narrador descreve o dia em que quebrou a vitrola de Matilde. Mesmo refletindo incessantemente sobre o passado, Eulálio custa a perceber que a mágoa da esposa permanecia guardada dentro dela.

Em seu leito de morte, o narrador compreende que não tratava Matilde como deveria. Ao falar com a enfermeira que cuidava dele, Eulálio diz:

Quando sair daqui, vou levá-la comigo a toda parte, não terei vergonha de você. Não vou criticar seus vestidos, seus modos, seu linguajar, nem mesmo seus assobios. Com o tempo aprendi que o ciúme é um sentimento para proclamar de peito aberto, no instante mesmo de sua origem. Porque ao nascer, ele é realmente um sentimento cortês, deve ser logo oferecido à mulher como uma rosa. Senão, no instante seguinte ele se fecha em repolho, e dentro dele todo o mal fermenta. (BUARQUE, 2009, p. 61-62)

Com essas palavras, Eulálio mostra que tem plena consciência de que não deveria ter recriminado tanto as atitudes de Matilde. Teme que sua enfermeira também não apareça mais — “receio que se canse de tudo e vá embora de novo, para sempre” (BUARQUE, 2009, p. 61). Nesse momento de nossa leitura, é importante voltar à Ecléa Bosi:

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1983, p. 17)

Ao referenciar Halbwachs, Ecléa Bosi nos faz perceber que, além de lembrar e de tentar reviver o passado, Eulálio tenta refazê-lo, na espera que, de alguma forma, Matilde volte para ele. Ao refazer sua vida, o narrador pode alimentar as esperanças de que, numa segunda chance, Matilde não desapareça, pois, sem ela “andava por aí chorando alto, talvez como aqueles escravos libertos de que se fala. Era como se a cada passo eu me rasgasse um pouco, porque minha pele tinha ficado presa naquela mulher”. (BUARQUE, 2009, p. 56)

Tentando observar melhor o comportamento dos dois personagens principais da obra de Chico, é interessante analisar o que o filósofo T. Todorov afirma sobre o assunto. Para ele, "[...] a palavra 'personagem' significa coisa bem diversa de uma coerência psicológica ou de uma descrição de caráter" (TODOROV, 1970, p. 120). Desse modo, Eulálio e Matilde se encaixam perfeitamente nessa descrição. O comportamento dela nos leva a crer que possivelmente estivesse depressiva. Ora dançando samba, ora trancada no quarto, afastada da vista de todos, ora de vestido curto e pernas de fora, ora com o corpo inteiro coberto, como se estivesse num casulo. E Eulálio? Ora deseja a esposa, ora a despreza. Não existe muita coerência psicológica no comportamento dos personagens.

Só dias mais tarde se fechou para o mundo, passou a esconder o corpo sob os vestidos largos que mamãe lhe dera havia tempo. E hoje saiu sem avisar aonde ia, Matilde nunca foi de sair à noite. Por isso é natural que eu parta feito um louco atrás dela, mas isso só vai acontecer daqui a pouco. É esquisito ter lembranças de coisas que ainda não aconteceram, acabo de lembrar que Matilde vai sumir para sempre. (BUARQUE, 2009, p. 116 e 117).

Ao observar os pensamentos não coerentes de Eulálio a respeito do desaparecimento de sua esposa, é inadiável uma comparação entre ele e Bentinho, personagem do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Em *Leite Derramado*, o narrador não afirma que Maria Eulália não seja sua filha, e também não tenta convencer os leitores de que foi traído por sua esposa — algo que Bentinho claramente tenta fazer. O que se observa, é um narrador tentando convencer a si próprio de que sua mulher desapareceu por ter o largado para ficar com outro. O personagem machadiano e Eulálio se assemelham intensamente devido ao ciúme doentio que sentiam de suas esposas.

Bentinho manda Capitu e seu filho para a Europa e segue sua vida no Rio. Quando seu filho Ezequiel retorna com a notícia da morte de Capitu, Bentinho continua apenas pensando na suposta traição e nas semelhanças entre Ezequiel e Escobar. Despreza o filho e tenta demonstrar que não se importa com sua morte ao final da narrativa. O personagem machadiano é frio ao recordar de seus familiares. Eulálio, não. Matilde e sua filha irão acompanhá-lo para sempre sem que ele demonstre tentar se afastar. Uma se faz presente no eterno amor que sente e em roupas, jóias e lembranças, a outra, se faz presente de corpo e alma, ajudando-o a abrir as portas para a perda de seus bens.

Maria Eulália fez o pai vender seus bens a cada má escolha amorosa. Abandonada ainda grávida pelo marido Amerigo Palumba, mal deu atenção ao filho e ao neto, os quais

Eulálio cuidou como se fossem seus próprios filhos. Não por opção, mas por obrigação. Eulálio afirma que sua filha “perdeu muito de sua finesse depois que se misturou com uma gente de maus bofes” (BUARQUE, 2009, p. 146).

Enquanto envolvida com alguém, seja um jogador de futebol que a agride, ou uma artista que a usa por interesses, em especial, o financeiro, Maria Eulália não via nem cuidava do filho ou do neto, que nasceu na prisão, depois que seu filho, comunista, foi preso durante o regime de 1964. E foi com esses descendentes, um negro, outro de pele e olhos claros, que Eulálio viu a mistura de raças e classes que virou a família Assumpção. Com a junção de fracassos dele e de sua filha, Eulálio perdeu sua grande casa no Botafogo e em seguida, seu chalé — seu grande xodó — onde estavam guardadas as melhores lembranças de sua vida.

Anos mais tarde, pai e filha passaram a morar de favor em um pequeno quarto na casa de um pastor. Não havia mais o que perder. Em suas memórias, aquele quarto foi seu último lar, antes do quarto do hospital.

Diferentemente do personagem Eulálio, que inicia sua vida no luxo de uma família de renome, e a vê se extinguir em um hospital público, Walter, de *Heranças*, passa por um processo contrário, subindo na vida rápida e traiçoeiramente, mudando-se de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro como opção para aproveitar os últimos dias que lhe restam.

As semelhanças entre narradores se encerram na idade avançada e na proximidade em que ambos se encontram da morte. A forma de narrar as histórias e a vida de cada um desses senhores é absolutamente distinta. Enquanto Eulálio conta até às baratas das paredes suas reminiscências, Walter as digita em um computador “top de linha”, comprado especificamente com essa finalidade. Nas memórias de Walter, ele se apresenta aos seus leitores como um verdadeiro canalha. Narra sua história de maneira irônica e declaradamente cínica.

Com a morte de seu pai, descobre que toda a herança da família havia sido deixada para sua irmã, Filinha, inclusive a loja de aviamentos, local onde todos trabalhavam. Indignado com tal revelação, sabota o carro dela, o que ocasiona sua morte. De posse do dinheiro da família, Walter vende a casa de armazém do pai, e passa a investir na construção civil, enriquecendo cada vez mais.

Aliás, fechei as portas dos Armazéns S. José ao constatar que a sinergia era uma balela no ramo do comércio a varejo. Depois que joguei Filinha para escanteio, a ambição não podia se limitar às margens de lucro métrico lineares. Aos olhos de Seu Nestor, um mais um só seriam três no reino da fantasia ou da vigarice. (SANTIAGO, 2008, p. 134).



Assim como em *Leite Derramado*, em *Heranças* a presença feminina é intensa. Ao contrário de Eulálio que, embora tivesse procurado Matilde em outras mulheres, nunca conseguiu substituí-la ou tirá-la de suas recordações, Walter era mulherengo declarado. Frequentava prostíbulos, se orgulhava de desvirginar as mocinhas da classe alta de Belo Horizonte e teve alguns relacionamentos pouco mais duradouros. Gabava-se por “pegar” diversas mulheres, como conta: “Não julgue monótona a listagem de amantes e garotas de programa. Se por acaso se assemelha ao catálogo de telefones feminino de sua cidade, a culpa não é minha.” (SANTIAGO, 2008, p. 333)

De todas as mulheres que passaram por suas mãos, Walter apaixonou-se apenas por algumas. Denise, a arquiteta, Marta, a guerrilheira, Graziema, uma advogada milionária e Carmen, uma enfermeira mexicana que conheceu ao acaso em sua viagem ao México.

Se amor existir, ele marca a confluência súbita de dois corpos companheiros no estertor do adeus às experiências antigas. É acontecimento passageiramente definitivo. Tão rápido e radical quanto o cansaço, o gozo e a morte. Pode durar minutos, horas ou noites. O certo é que desaparece logo, para reaparecer sob nova e original roupagem. E logo desaparece definitivamente. (SANTIAGO, 2008, p. 223)

Walter possuía algumas definições próprias para o amor, mas resume afirmando não saber se acreditava em tal sentimento. A impressão deixada aos leitores é de uma resposta negativa, facilmente comprovada com a relação do narrador com Denise. Ele “valorizava os dotes naturais e intelectuais de Denise”, porém, ao saber que ela estava grávida, não hesita em propor um aborto e tempos depois, acaba por abandoná-la.

O personagem tem como costume abandonar as suas mulheres, entretanto, em sua vida há duas exceções. Duas mulheres que colocam Walter em situação adversa, por ser abandonado por elas. A primeira é Marta, que usa o amante para fugir do país, largando ele sozinho em Paris. O fantasma dessa amante aparece nas lembranças do narrador em diversos momentos da narrativa, inclusive quando se recorda de outras amantes.

A segunda é Graci, que viveu algum tempo junto dele em sua casa e que “teria dado à luz uma prole enlouquecedora” se não fossem os abortos praticados. Entretanto, Walter viaja para o México e Graziema morre no Brasil. Por não citar o nome dele em seu testamento, leva-o a ter “desprezo pela memória de Graci”.

Todas essas amantes tiram o foco do protagonista da narrativa para si. Sem elas, a vida de Walter não renderia seu livro de memórias e suas páginas permaneceriam em branco no computador. Suas reminiscências giram em torno de seus amores passageiros, das viagens que

fez com elas, dos abortos forçados, da sabedoria e das qualidades que sugava de cada uma delas.

Apesar das amantes, a história de Walter gira em torno também de outra mulher, sua irmã, a quem planejou a morte. O título da obra leva à reflexão a respeito do assassinato de Filinha. A herança que o pai havia deixado para sua irmã e que ele tomou para si, junta-se a sua própria herança — a fortuna que levantou durante os anos que sucederam a morte de sua irmã—, entretanto, Walter, que abominava a ideia de ter um filho, chega ao momento de sua morte com o dilema de não ter herdeiros.

Pensar em alguém para deixar sua fortuna faz com que Walter encontrasse novamente o fantasma de sua irmã. Ele desenterra seu passado procurando Vitorino, namorado da irmã Filinha na época em que ela ainda era viva, para deixar para ele sua herança, arrematando suas memórias.

Embora *Heranças* e *Leite Derramado* tragam memórias de dois velhos à beira da morte e explorem aspectos importantes da sociedade e da história brasileira ao longo do século XX, os dois livros se centram na vida de mulheres que fazem com que as obras ganhem novo sentido. Não são apenas as memórias de Eulálio que estão sendo retratadas, mas o desaparecimento de Matilde, e todo o encanto dessa mulher que tanto o prende à vida. Em *Heranças*, são as inúmeras mulheres que deram a Walter algo a ser contado em sua deplorável jornada, sem elas, seu livro não seria mais que “memórias de um assassinato”.

Ecléa Bosi afirma que a memória dos velhos não serviria como um método de fuga e de lazer, como a do adulto. Para eles, seria o oposto, pois ao “lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.” (BOSI, 1983, p.23)

Walter e Eulálio, ambos em situação de saúde precárias, puxam as reminiscências para deixar algum tipo de legado. O primeiro, rico, porém, sem nenhuma pessoa que se importe com ele ao seu lado. Deixa o livro como herança a quem quiser saber de sua história vazia. O segundo, pobre ao extremo, mas com cem anos de histórias envolventes e cheias de mistério, deixa em suas memórias a herança de uma vida convulsa, com altos e baixos.

Os dois narradores tiveram uma vida de perdas e observamos isso, principalmente, com as mulheres que passaram pelas suas vidas. Ressaltando o que Walter Benjamin explana a respeito da experiência, notamos que os personagens nada mais fazem do que ostentar nas linhas de suas memórias, a pobreza de suas experiências de vida:

[...] não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. [...] Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças. (BENJAMIN, 1987, p. 118)

As narrativas seriam frágeis na sua estrutura e na sua temática se as memórias contadas dependessem apenas do “eu” que rememora. Percebemos um esvaziamento desse eu protagonista e de sua própria história. Esse vazio se completa com o fato de não desejarem novas experiências, pois ambos têm ciência da pobreza dos relatos contados. Com a leitura desses dois romances percebemos narradores cujas vidas não passam de uma sucessão de perdas e danos.

A vida moribunda que Walter e Eulálio possuem no momento em que fazem seus relatos faz com que eles tomem suas memórias como ponto de fuga. Como afirma Benjamin ao tratar da experiência, eles teriam uma existência que “se basta em si mesma” (BENJAMIN, 1987, p. 119), por estarem cansados das complicações que a vida impõe. Ainda de acordo com Benjamin, essa vida que se basta em si serviria como um “ponto de fuga”.

Para Benjamin, o empobrecimento da experiência se dá com a perda da tradição do compartilhamento de conhecimento que ocorre entre as gerações, ou seja, a extinção das narrativas com esse formato. Deparamo-nos com a falta de diálogo entre as gerações, algo perfeitamente notável em *Heranças*, caracterizado com a obstinação de Walter em não ter herdeiros e seu absoluto individualismo.

No ensaio de Benjamin, encontramos a parábola de um pai que deixa como tesouro aos seus filhos a maior herança que se pode ter: a experiência de encontrar a felicidade. Walter, de seu pai não herdou nada, nem experiência, nem felicidade e muito menos caráter. Eulálio herdou lembranças. A lembrança de seu pai com prostitutas na Europa, a lembrança de seu pai comprando um vestido para a amante, a lembrança de seu pai morto a tiros...

“São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora.” (BUARQUE, 2009, p.138). Ao falar suas memórias, mesmo de maneira confusa e embaralhada, às vezes “contrastiva”, Eulálio revive sua história a cada dia, transportando-se do quarto gelado para o calor das emoções que vivenciou ao longo dos seus cem anos, em especial, os poucos momentos que aproveitou ao lado de Matilde. Verdades que contrastam entre si, que confundem o leitor e que por isso, fazem de *Leite Derramado* uma leitura agradável e incansável.

Walter conseguiu juntar grande fortuna ao longo de sua vida, sem herdeiros ou descendentes que continuassem a disseminar seu sobrenome. Próximo ao final de sua narrativa, afirma que “Não há nada a ser extraído das águas passadas. Esvaziou-se o poço da memória. As águas idas e vividas foram plenamente revividas.” (SANTIAGO, 2008, 361).

Enquanto para Walter, as águas passadas ficam para trás, para Eulálio são essas águas que continuam a mover sua vida, indo e voltando num constante rodar de moinho, que utiliza sempre da mesma água para se manter girando. Eulálio, ao contrário de Walter, amavelmente lamenta todo o leite derramado em seu passado.

Donaldo Schüller (1989), em *Teoria do Romance*, alega que “mesmo no estreito espaço de si mesmo, há limites. A memória falha. Recordar fatos não significa compreendê-los.” (Schüller, p. 28). Certo de que “a memória é deveras um pandemônio”, o centenário Eulálio termina seus relatos ainda no hospital, com a única herança que lhe resta, a maior de todas as riquezas: sua frágil memória.

Com esse ensaio, observamos que nem sempre os livros de memória focam seus narradores. Em *Heranças* o leitor se depara com mulheres cultas e independentes, que se envolvem com um homem canalha e sem escrúpulos. Elas aparecem na narrativa para preencher as linhas da vida desprezível do narrador do romance. Em *Leite Derramado*, Matilde toma a frente da obra como protagonista, portando-se como uma mulher de personalidade forte que habita as lembranças de um narrador preso a um passado duvidoso. Nesses romances, deparamo-nos com sujeitos que não se bastam a si, e necessitam do outro “eu” (feminino) para seguir suas vidas, sem poder viver o agora, se prendendo ao passado, resgatado nas memórias, ou nas águas do moinho.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade, lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *O Leite Derramado de Matilde*. Trópico, abril de 2009. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/3077,1.shl>. Acessado em: 10 de agosto de 2011.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- SCHÜLER, Donaldo. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989.
- SANTIAGO, Silviano. *Heranças*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- STERN, W. *Psicologia general*. Buenos Aires: Paidós, 1967. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade, lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.